

## ARQUITETURA HOSTIL E APOROFOBIA

### Conversa com Padre Julio Lancellotti

**Padre Júlio Renato Lancellotti<sup>1</sup>,  
Amanda Ferreira Garcia<sup>2</sup>, Eduardo Rocha<sup>3</sup>, Adriana Portella<sup>4</sup>,  
Vanessa Forneck<sup>5</sup>, Luciele dos Santos Oliveira<sup>6</sup>,  
Nátalin Pucinelli Lourenço<sup>7</sup>, Giovanni Nachtigall Maurício<sup>8</sup>,  
Carlos Krebs<sup>9</sup>, Giulia Vianna dos Santos<sup>10</sup>  
e Ligia Chiarelli (Biloca)<sup>11</sup>**

#### Apresentação

A conversa com o Padre Júlio Lancellotti aconteceu no dia 14 de setembro de 2022, inaugurando o ciclo de eventos LabCom Café na modalidade presencial. Realizado na própria sede da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAUrb), da Universidade Federal de Pelotas, promovida pelo Laboratório de Estudos Comportamentais (LabCom)<sup>12</sup>. Na conversa o Padre Júlio participou remotamente, enquanto a plateia estava presente no auditório da FAUrb<sup>13</sup>.

Júlio Renato Lancellotti, mais conhecido como Padre Júlio Lancellotti é pedagogo, padre e pároco responsável pela paróquia São Miguel Arcanjo, no bairro da Mooca em São Paulo. Conhecido por sua luta diária pelos direitos humanos às minorias e, principalmente, pelo trabalho com as pessoas em situação de rua. Em dezembro de 2022, foi promulgada a Lei nº 14.489 de 2022, batizada com Lei Padre Júlio Lancellotti devido a sua luta contra arquitetura hostil em diversas cidades, que alterou o Estatuto das Cidades criado em 2001. A Lei Padre Júlio Lancellotti regulamenta a proibição de Arquitetura Hostil em seu Art.2º- XX:

*[...] promoção de conforto, abrigo, descanso, bem-estar e acessibilidade na fruição dos espaços livres de uso público, de seu mobiliário e de suas interfaces com os espaços de uso privado, vedado o emprego de materiais, estruturas, equipamentos e técnicas construtivas hostis que tenham como objetivo ou resultado o afastamento de pessoas em situação de rua, idosos, jovens e outros segmentos da população.<sup>14</sup>*

1 Há mais de 30 anos, Padre Júlio Lancellotti milita pelos direitos humanos. O paulistano de 69 anos fundou as Casas Vida I e II (criadas originalmente para acolher crianças portadoras do HIV) e é vigário da Pastoral do Povo da Rua de São Paulo.

2 Acadêmica do Curso de Arquitetura e Urbanismo da FAUrb/UFPel. Membro do LabCom.

3 Professor na FAUrb/UFPel, Pesquisador do LabCom.

4 Professora na FAUrb/UFPel, Coordenadora do LabCom.

5 Mestre em Arquitetura e Urbanismo, Doutoranda em Arquitetura e Urbanismo na USP-São Carlos.

6 Acadêmica do Curso de Arquitetura e Urbanismo da UFPel. Membro do LabCom.

7 Acadêmica do Curso de Arquitetura e Urbanismo da FAUrb/UFPel. Membro do LabCom.

8 Professor do Curso de Gestão Ambiental da UFPel.

9 Doutorando no PROPAR/UFRGS.

10 Acadêmica do Curso de Arquitetura e Urbanismo da UFPel. Membro do LabCom.

11 Professora aposentada da FAUrb/UFPel, Pesquisadora do LabCom.

12 Ver mais em LabCom: <https://wp.ufpel.edu.br/labcom>

13 A conversa foi gravada em vídeo e posteriormente transcrita.

14 Lei Padre Julio Lancellotti, ver mais em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2022/lei-14489-21-dezembro-2022-793527-republicacao-166834-pl.html>

#### Mediadora

Adriana Portella

#### Transcrição

Amanda Garcia, Nátalin Pucinelli Lourenço e Eduardo Rocha

#### Participantes nos questionamentos

Adriana Portella, Luciele dos Santos Oliveira, Nátalin Pucinelli Lourenço, Giovanni Nachtigall Maurício, Carlos Krebs, Giulia Vianna dos Santos e Ligia Chiarelli (Biloca)

#### Edição

Amanda Garcia

#### Revisão

Eduardo Rocha e Vanessa Forneck



**Adriana Portella:** Pessoal, então queria agradecer muito a presença de todos, principalmente do Padre Júlio Lancellotti, ele tem vários trabalhos em São Paulo e no Brasil, e abriu um pouquinho da sua agenda para conversar com os estudantes de Arquitetura e Urbanismo, sobre um tema bem importante, que é a questão da Arquitetura Hostil e da Aporofobia. Esses são temas que desde o primeiro semestre nós temos que falar e combater, principalmente para que tenhamos profissionais que futuramente não façam isso no espaço público da cidade. Então eu já vou passar a palavra para o Padre Júlio Lancellotti. Agradeço imensamente. É uma honra tê-lo aqui e a palavra é sua por gentileza.

**Padre Júlio Lancellotti:** Uma saudação a todos e todas que nos acompanham neste momento de reflexão e de formação. Uma saudação a toda a Universidade, aos professores, alunos e a todos que estão envolvidos nessa reflexão.

Quando nós falamos de Intervenção Hostil na arquitetura, é justamente porque algumas das associações de arquitetos pelo Brasil pediram que não usássemos o termo Arquitetura Hostil. Porque eles colocam que a arquitetura sempre é para acolher e para que as pessoas se sintam acolhidas. Só que nada é neutro. Então todas as concepções têm determinadas posições ou inflexões, que acabam indo mais para um lado do que para outro.

A grande questão que nós temos colocado, é a questão da Aporofobia. A Aporofobia é um comportamento que já está presente na vida humana há muito tempo, ele foi nomeado e de certa forma localizado a partir da filósofa espanhola Adela Cortina<sup>15</sup>, que cunhou esse termo Aporofobia, que significa aversão ao pobre, ódio ao pobre e rejeição ao pobre. É uma das coisas que nós sentimos muito, principalmente numa realidade como São Paulo, mas eu acredito que se multiplica pelo Brasil todo que é a especulação imobiliária. Hoje eu diria que São Paulo é uma cidade governada pela especulação imobiliária.

Nós temos visto esse fenômeno, que vocês conhecem, devem ter já estudado ou vão estudar, da gentrificação, que acaba sendo um fenômeno que está presente hoje em grandes cidades e cidades de médio porte. Pelotas é uma cidade grande, é uma cidade de grandes centros universitários e de um número grande e expressivo de população, que acabam sendo atingidas por esse fenômeno de gentrificação, e esse fenômeno de rejeição aos pobres, e da busca de afastá-los cada vez mais. Nós temos localizado com apoio de muitas pessoas pelas redes sociais, exemplos muito claros de intervenções hostis na arquitetura, e atinge diretamente a população em situação de rua, que aumenta vertiginosamente no Brasil. São Paulo teve um aumento tão expressivo, que nós chegamos hoje, segundo dados oficiais da prefeitura, a termos trinta e duas mil pessoas em situação de rua. Um censo feito só com crianças e adolescentes aponta mais de quatro mil crianças e adolescentes vivendo em situação de rua em São Paulo. Com uma metodologia diferente utilizada pela Universidade Federal de Minas Gerais, chegamos também a um número pelo CadÚnico<sup>16</sup> de quarenta e duas mil pessoas em situação de rua.

Então, este é um dado alarmante, porque grande parte dos municípios paulistas não tem quarenta e dois mil habitantes. Na maioria dos municípios do estado de São Paulo, como no Rio Grande do Sul, também percebe-se o aumento da população em situação de rua em Porto Alegre. E na medida em que a população de rua aumenta, aumenta também a rejeição a eles. Em geral as chamadas “políticas públicas”, são todas de tutela, não são políticas públicas que preservem a autonomia da população em situação de rua, acabam sendo tuteladas pelo chamado poder público, que decide o que é melhor para eles, e esse fenômeno da gentrificação acaba expulsando a população em situação de rua. Essa população que o Papa Francisco chama de descartada. Como lógica do neoliberalismo.

Então, a arquitetura, ela está sendo pensada dentro do sistema neoliberal. A nossa arquitetura, ela tem traços do neoliberalismo. A gente vê hoje, por exemplo, não sei a realidade em Pelotas ou em Porto Alegre, mas em São Paulo, o crescimento dos condomínios. Há um grande crescimento de condomínios. O que são os condomínios? A vida segura, fechada, e um grupo todo que busca ter uma certa homogeneidade na questão econômica. Pelo próprio preço e acessibilidade dessas formas de viver, que são elitizadas e que não querem a presença das pessoas descartadas ou dos grupos empobrecidos. Então são grupos que acabam sendo eliminados. A arquitetura não é inatingível pelo sistema neoliberal. Eu acho que isso era uma coisa que vocês poderiam pesquisar, eu não sou arquiteto, nem de longe, mas a arquitetura é atingida por esse modelo neoliberal que acaba construindo uma cidade, que não é uma cidade que é aberta para todos ou uma cidade que os mais pobres tenham acesso.

<sup>15</sup> Adela Cortina Orts é uma filósofa espanhola. Catedrática de Ética na Universidad de Valencia, dirige a Fundação Étnor, Ética de los Negocios y las Organizaciones.

<sup>16</sup> O Cadastro Único é um conjunto de informações sobre as famílias brasileiras em situação de pobreza e extrema pobreza. Essas informações são utilizadas pelo Governo Federal, pelos Estados e pelos municípios para implementação de políticas públicas capazes de promover a melhoria da vida dessas famílias. Ver mais em: <https://www.caixa.gov.br/servicos/cadastro-unico/Paginas/default.aspx>

Vejam o fenômeno dos shopping centers, a população em situação de rua não pode entrar no shopping center, os seguranças os afastam. Até alguém pode dizer: o que o morador de rua vai fazer no shopping center? Ué! Ele também acho que gostaria de olhar as coisas que ele não tem acesso, grande parte da população que anda pelo shopping, nem sempre anda para comprar, mas só para, como diz um ditado antigo, “olhar pros olhos e lamber com a testa”. E não tem acesso a todas aquelas maravilhas que estão lá expostas, desse sistema capitalista neoliberal, dizendo: mereça ter tudo isso, e para você merecer ter tudo isso como prêmio, vai ter que entrar bem nessas nossas regras e principalmente na meritocracia. Então, os condomínios são inacessíveis a grande parte da população. Hoje, São Paulo vai sendo feita como uma cidade da especulação imobiliária, e voraz que acaba afastando idosos e que acaba desfigurando a memória dos bairros.

Os nossos bairros, eu digo que sofrem de Alzheimer, não tem mais memória, porque tudo que seria de preservação da cultura, da história, desaparece. Eu, por exemplo, a paróquia onde eu estou é no bairro da Mooca, daqui há alguns anos ninguém vai saber que o bairro da Mooca é um bairro de imigrantes italianos, e que há uma história da imigração italiana, portuguesa, espanhola, etc. É como se municípios, tanto do Rio Grande do Sul, quanto de Santa Catarina ou do Paraná, daqui um tempo não tenham mais sinais da arquitetura germânica, da arquitetura dos imigrantes alemães ou italianos, que isso vai desaparecer. Porque a gente vai entrando numa onda, que é chamada de modernização, e uma modernização que não tem história.

A arquitetura, eu acredito, não pode apagar a história. E aqui em São Paulo, nós estamos vivendo um fenômeno onde as grandes incorporadoras conseguem destoar determinados patrimônios, que foram tombados pelo patrimônio histórico. Então a questão econômica tira o tombamento. Esses imóveis, é interessante, eu tenho percebido aqui na região onde eu moro, e onde está a paróquia, que alguns prédios que tinham sido tombados pelo patrimônio histórico, as incorporadoras conseguem tirar o tombamento e esses edifícios são demolidos numa noite. À noite passamos por lá e eles existem, na manhã seguinte já não existem mais. Eles são imediatamente derrubados e descaracterizados pela voracidade do mercado imobiliário. Então, a arquitetura não pode ser um fenômeno que aliado à especulação imobiliária destrua a história e torne um direito humano fundamental, que é o direito à moradia, inacessível. Aqui em São Paulo está acontecendo uma coisa muito estranha, a Fundação Casa que acolhe ou priva de liberdade. Não acolhe, mas priva de liberdade os jovens chamados entre aspas em “Conflito com a lei”, construíram unidades de segurança máxima, seis dessas unidades foram desativadas e a Secretaria da Assistência Social do Município está pegando essas unidades pintando, decorando, colocando cortina, pintando as paredes de várias cores, pondo lá jardins e brinquedos, para serem moradia de grupos familiares em situação de rua.

Um edifício que foi concebido para ser uma arquitetura de segurança máxima, onde encontramos um retângulo, com tudo voltado para dentro, sem comunicação com o mundo exterior, é usado para ser a habitação de grupos familiares, de pessoas em situação de rua, e dessa forma vai se mantendo essa mentalidade penitenciária. Foi interessante quando o secretário da Assistência Social, usou “um termo” – e ele disse –, “isso é um momento muito importante, porque nós estamos humanizando”, e então com isso ele reconheceu que antes era desumano. A privação de liberdade, ela é desumana, e agora eles estão humanizando a casca, para colocarem dentro dessa mesma concepção arquitetônica, de privação de liberdade de grupos familiares e, aí ainda ele diz com o ponto focal de “autonomia”.

Como é que você vai gerar autonomia morando num espaço que foi concebido para privação de liberdade? E onde a própria alimentação chega em marmiteira. É como

diz o povo aqui em “Bandeco”, em marmitex, que eles não tem nem autonomia para cozinhar a própria comida. Então, é até interessante perceber que muitos desses condomínios, e agora em São Paulo, está uma moda de construir o que eles chamam de estúdio, onde a cozinha é o menor ambiente que existe. É um espaço onde só cabe uma pessoa de pé, e são esses apartamentos de trinta e cinco metros quadrados, que são o que eles chamam de *single*.

São coisas, fenômenos urbanos, que chamam muita atenção, para que se revelem, através da sua arquitetura, o sistema capitalista neoliberal que nós estamos vivendo. O individualismo, o isolamento e o primado da segurança sobre a convivência, o primado do isolamento sobre toda forma de comunicação e de comunhão. Logo, eu acredito, que olhando a partir da convivência com a população em situação de rua, são essas coisas que eu tenho percebido que talvez não estejam como seria de rigor totalmente sistematizadas. Mas são impressões que eu gostaria de partilhar com vocês, para que nós tenhamos também uma arquitetura de resistência, uma arquitetura de comunhão, uma arquitetura de acolhimento, uma arquitetura que não tenha tantas pedras para dificultar a presença das pessoas. E quando nós trabalhamos a nível de legislação, de vetar intervenções hostis na arquitetura, o plano apresentado, o PL [Projeto de Lei], apresentado pelo senador Fabiano Contarato<sup>17</sup>, que foi aprovado no Senado, na Câmara Federal, já passou até na Comissão de Justiça e está esperando ir para votação em plenário<sup>18</sup>.

Quando nós colocamos que não podemos aceitar essas intervenções hostis na arquitetura, não é que nós queremos justificar que as pessoas morem em marquises ou nos baixios de viadutos, mas que esse sintoma de Aporofobia, ele mostra que quando há muitos desses sinais é porque não há acolhimento, não há hospitalidade. A própria Adela Cortina, coloca que nós temos que sair da hostilidade para a hospitalidade. Então o que seria uma arquitetura hospitaleira? Ou uma arquitetura de acolhimento, não de acolhimento dos iguais, mas de acolhimento de todos e todas. Acolhimento de todas as pessoas, sem ser selecionadas, sem ser escolhidas, sem ser dentro de um sistema, que nós diríamos de necropolítica.

Nós estamos vivendo uma necropolítica, e não uma política de implementação da vida com liberdade e com autonomia. Eu penso, que esse é um desafio da forma inventiva e que a criatividade deve atingir, para que nós tenhamos uma arquitetura humanizada, eu acredito que seja o grande desafio, a humanização da vida e todas as formas de expressão, que a vida possa ser humanizada na arte, na cultura, na arquitetura, na poesia, na dança, nas expressões culturais, nas expressões de onde as pessoas sejam convidadas a vir, a serem acolhidas e a vivenciarem a experiência de comunhão e não de exclusão e de descarte.

Mas eu também gostaria muito de ouvir. Eu nunca vi um grupo tão quietinho como o de vocês, tão bem comportados.

**Adriana Portella:** Eu penso que a gente pode abrir o microfone para questionamentos, esse é um momento único para nós, porque é o primeiro momento híbrido que a gente tem depois da pandemia. Então esse grupo aqui todo unido, pela primeira vez, conseguimos trazer de volta para a Faculdade de Arquitetura, depois de dois anos de pandemia, quando ficamos trabalhando online. Eu falo muito nas aulas, o ensino online, ele é raso porque a gente precisa de contato humano, sair na rua, conhecer os

<sup>17</sup> Fabiano Contarato é um professor de direito, delegado da polícia civil e político brasileiro, filiado ao Partido dos Trabalhadores (PT). É senador pelo Espírito Santo e atual líder da bancada do PT no Senado.

<sup>18</sup> Foi promulgada no dia 21/12/2022.

bairros para fazer uma arquitetura de qualidade. Então vamos abrir o microfone, para vocês fazerem perguntas para o Padre Júlio Lancellotti, que faz esse trabalho incrível em todo o Brasil.

**Ligia Chiarelli (Biloca):** Como é que se deu esse embate em São Paulo, em relação à ocupação ou não dos espaços abaixo dos viadutos? Qual foi a receptividade percebida na população? Como as pessoas se envolveram ou não com esse tipo de luta? Que é tão significativa, em defesa dos excluídos.

**Padre Júlio Lancellotti:** É um embate conflitivo, o próprio nome já demonstra, é um embate. Imaginem o que está acontecendo agora aqui em São Paulo, a Praça Princesa Isabel tem dezesseis mil metros quadrados e a prefeitura conseguiu passar agora um projeto de lei, com urgência máxima, na Câmara Municipal, transformando essa praça em parque, e a própria Secretaria do Verde e do Meio Ambiente, tem um conceito de parque que não cabe na Praça Princesa Isabel. Mas, o prefeito conseguiu passar esse projeto tendo maioria na câmara, para cercar a praça. Então nós estamos vivendo um fenômeno de praças cercadas, debaixo de viadutos cercados, e isso é um simbolismo, porque o grupo chamado lá de “Cracolândia”, dos dependentes químicos, ficaram um tempo na praça Princesa Isabel. E aí as pessoas falam para mim: “ah, mas é porque você quer que eles fiquem na praça?” Não. Eu gostaria que eles tivessem onde morar. Porque uma coisa é certa, nem todo dependente químico está em situação de rua e nem toda pessoa em situação de rua é dependente químico. Inclusive, tem muitos dependentes químicos nos condomínios, mas que ninguém os vê e aqueles que estão na praça todo mundo vê, então eles é que são, vamos dizer assim, criminalizados e atingidos por esta política de segregação. Nós estamos vivendo uma política de segregação por classe social, por questão social, por questão de fenômenos – como a dependência química – que são de saúde pública.

Quando me dizem que a população de rua é muito agitada! Eu sempre digo: “vai em reunião de condomínio para resolver a vaga no estacionamento”. Eu conheço muitas reuniões de condomínio que acabam na delegacia. Vai à reunião de padres, para escolher a paróquia. Vai à reunião de professor para organizar o número de aulas na grade curricular. Então, existe conflito em todo lugar, mas existe o conflito que está visível, que está visibilizado e o que é punido. Desse modo, veja, nesse caso específico da Praça Princesa Isabel, não sei se vocês têm em mente como é essa praça, vocês já viram alguma fotografia dessa praça? eu até fiz uma ironia sobre essa praça, porque ela se chama Princesa Isabel e ela vai ser gradeada por todos os lados. Falei: a Princesa Isabel ia gostar, né? De todas essas grades. E nessa praça está o monumento equestre ao Duque de Caxias, que é o monumento equestre mais alto do Brasil, e justamente lá no alto está o Duque de Caxias a cavalo, e eu falei que o prefeito de São Paulo conseguiu aquilo que o Solano Lopes não conseguiu na guerra do Paraguai, que foi cercar o Duque de Caxias. Eu até sugeri que o nome da praça mude e passe a se chamar Parque Solano Lopes, porque conseguiu a proeza de cercar o Duque de Caxias.

Então é um embate, é um conflito que nós vivemos todos os dias na disputa do espaço público. Onde as pessoas em situação de rua são consideradas pessoas que degradam o espaço público, porque elas não têm um espaço privado para viverem. Porque, não é garantido a elas o direito de morar, e de morar de uma maneira onde elas não vivam em abrigos e albergues. Mas, onde elas têm os seus próprios espaços!

São Paulo, durante a pandemia, de maneira tardia, conseguiu espaços dos hotéis leitos, na rede hoteleira de São Paulo. A rede hoteleira de São Paulo resistiu muito a acolher as pessoas em situação de rua. Em Londres e Paris isso foi muito rápido. A rede hoteleira de cinco estrelas recebeu a população de rua. São Paulo demorou muito

para conseguir e está pagando hoje, eu não gosto da palavra vaga porque eu sempre digo que vaga é para o carro. É para o estacionamento. Pessoas precisam de um lugar, de um espaço humanizado. Pagando quatro mil reais por leito na rede hoteleira aqui em São Paulo por mês. Com esse valor as pessoas podiam fazer locação.

A cidade de Franca, aqui em São Paulo, tem feito um trabalho com a população em situação de rua, onde eles escolhem o lugar e eles mesmos localizam onde eles podem morar e alugar, e recebem uma figura que acho que é muito importante, que existe legalmente aqui em São Paulo e no Brasil todo, que é a locação social, é o que se chama moradia em primeiro lugar. Então isso é muito importante, que se trabalhe nas cidades: a casa em primeiro lugar. Porque a pessoa, tendo onde morar, ela vai se reorganizar. Ela vai reorganizar a sua vida, o seu espaço, ela vai ter um lugar seguro e afetivo para descansar, para se alimentar, para fazer a própria alimentação, para ter autonomia. O espaço e a arquitetura, tem que ser um espaço de fomentação da autonomia e não do isolamento, da comunhão e não do individualismo, da vida incomum e não de uma vida completamente isolada.

Eu acho interessante nesses edifícios que têm surgido, muito nos condomínios, tem o espaço de lazer, onde as pessoas vão sozinhas, elas não querem fazer lazer junto com ninguém; e onde tem o espaço de festa, a festa também é de grupos, nunca tem nada que seja de comunhão. É interessante que as pessoas, mesmo no próprio condomínio, quando se encontram no elevador nem se cumprimentam, que é para ficar claro que não se conhecem e que não querem ter nenhuma interação.

Nós estamos na fase do terraço *gourmet*. Então não é um espaço comunitário *gourmet*. Interessante, tem o Serviço Social do Comércio (SESC) aqui perto do bairro onde eu moro que tem a comedoria. É muito interessante. Na comedoria lá do SESC, as mesas são todas redondas e todos tem que sentar juntos para comer. Lá o espaço de alimentação é coletivo, onde se partilha, onde as pessoas se veem e conversam. Eu acho muito interessante o SESC, eles tem feito uma grande contribuição com os seus centros de lazer. Não sei aí, se vocês tem essas coisas? Deve ter em Porto Alegre, mas essa comedoria é muito interessante, essas possibilidades inventivas, criativas de uma novidade de comunhão, de troca de informações.

Hoje em dia, todo mundo está sentado à mesa, mas todo mundo está no seu celular e ninguém conversa com ninguém, as pessoas nem se veem, se estão comendo juntas. Me chama muito atenção, que com a população em situação de rua, quando eu os vejo comendo, eles comem tristes. Acho que é uma coisa terrível comer triste e como todos nós temos a experiência, talvez de ter visto alguém comer chorando. Comer triste, amargurado, comer triste não sabendo se aquela é a última refeição do dia. É uma coisa que me impressiona demais. Então tudo isso é uma luta. Tudo isso é um conflito. Tudo isso é uma conquista.

Eu sempre lembro de um santo. Que não era arquiteto. O protetor dos arquitetos Santo Antônio de Sant'Ana Galvão. Ele foi pedreiro e arquiteto do Convento da Luz. Não sei se alguém de vocês conhece o Convento da Luz aqui no bairro da Luz em São Paulo, mas seguramente já devem ter visto fotografias, foi arquitetado pelo frei Antônio de Sant'Ana Galvão, que é o Santo Antônio de Sant'Ana Galvão, que além de ter desenhado e arquitetado, ajudou a construir como servente de pedreiro aquele espaço. Penso, que nós temos que encontrar esses espaços, a partir de uma criatividade de comunhão, a partir não do isolamento. Contra o neoliberalismo que acaba fazendo parte de uma epistemologia neoliberal e que acaba sendo a que vai também fazer projetos, fazer propostas.

Aqui em São Paulo há uma epidemia, como eu disse para vocês de gradeamento. Eu até pedi que quem sabe a gente consiga descobrir no orçamento da prefeitura, o quanto eles estão gastando em grades? Porque é impressionante, que as serralherias devem estar rendendo muito aqui, viu? Porque é grade para todo lado. Eu, até num gesto simbólico, arranquei todas as grades que tinha em volta da igreja onde eu estou, da paróquia de São Miguel, cerramos todas as grades e pusemos flores, e antes de ontem eu estive com um deputado federal e um vereador visitando uma biblioteca municipal, que é a biblioteca Cassiano Ricardo, que fica no bairro do Tatuapé, que é todinha cercada de pedras pontiagudas, e que são tão pontiagudas, que se um idoso cair ali vai se ferir, se uma criança cair ali vai se ferir. E aquilo é um gesto de hostilidade. Não chegue perto! Uma biblioteca que deveria ser um espaço de acolher para ler, para construir, para ter uma atividade lúdica, é toda ela cercada de pedras, para que ninguém se aproxime. Todos os lugares onde tem marquises estão cercadas de pedras, e nós conversamos lá com o pessoal da biblioteca, entramos também com um inquérito civil público, para conseguir uma ordem judicial ou um termo de ajustamento de conduta para que aquelas pedras sejam retiradas.

Então jovens, arquitetos e arquitetas, podem ter uma luta, eu sei que tudo isso entra no mercado, é o mercado que vai construir e arquitetar e projetar aquilo que a sociedade perde dentro do individualismo, da meritocracia, de um individualismo que hostiliza o diferente. Então eu sugiro a vocês que leiam o livro da filósofa Adela Cortina "A Aporofobia é um desafio à democracia"<sup>19</sup>.

**Carlos Krebs: É um prazer ter a oportunidade de estar lhe ouvindo hoje, a minha pergunta é sobre quando o senhor falou de um exemplo terrível da transformação de casa de detenção em casa de detenção colorida, aí em São Paulo e existem inúmeros prédios ociosos no centro da cidade, que para quem anda pelo centro, da região central e vê aquelas janelas tapadas com tijolos e os prédios completamente abandonados. O senhor falou tanto na política neoliberal, que vem permeando a legislação, então porque eles não entendem isso como uma oportunidade de negócio muito melhor, do que colocar pessoas em casas de detenção? De utilizar esse espaço que já foi concebido para pessoas morarem, para as pessoas viverem. Colocar essas pessoas nesses abandonos seria muito melhor para a cidade como um todo?**

**Padre Julio Lancellotti:** Gosto muito da locação social. A locação social, ela dá o direito de morar, sem dar o direito de propriedade, existem emendas nesse projeto e foi apresentado até um novo projeto, mas foi vetado. Porque o interesse do mercado imobiliário é muito forte. A especulação imobiliária é muito forte. E outro dia eu disse para o prefeito de São Paulo, falei "que quem governa São Paulo é especulação imobiliária", ele falou para mim até: "Não, aqui não!" Eu falei "então a sua ficha não caiu, né? Ou você não está sendo sincero".

Porque a gente vê a nossa cidade, por exemplo, nós temos a Subprefeituras em São Paulo e as prefeituras regionais. Elas são todas loteadas por coronéis e por grupos que têm como princípio primeiro e absoluto a questão da especulação imobiliária. Até nessa semana passada, foi exonerada uma prefeita regional da Zona Oeste da Lapa, por estar vendendo licenciamento, por estar vendendo autorização de construções numa área aqui de São Paulo chamada Vila Leopoldina. Olha que nome que tem a vila, hein? Leopoldina acho que a dona Leopoldina é a Imperatriz. A Imperatriz Leopoldina não deve ter ficado nem um pouquinho feliz da Vila Leopoldina, ser uma vila extremamente

<sup>19</sup> CORTINA, Adela. Aporofobia, a Aversão ao Pobre: um Desafio Para a Democracia: Volume 1. São Paulo: Editora Contracorrente, 2020.

seletiva e meritocrática, onde alguns condomínios, eu tenho que falar bem isso porque depois caem de pau em cima de mim, alguns condomínios estão virando milícias e que querem acabar e exterminar os pobres que estão no seu entorno, acabar com a população em situação de rua justificando políticas higienistas. Considero que nesse sentido, há uma tendência muito forte nas nossas cidades de higienismo. Por isso, não querem aproveitar esses espaços que já existem. Até houve uma proposta de mudança na legislação da locação social, para que os prédios possam ser também alugados com essa finalidade. Nós temos aqui em São Paulo várias experiências muito boas, muito interessantes de condomínios de locação social que estão dentro dessa lógica do condomínio. Mas são de locação social, onde há espaço de vivência coletiva, de vivência comunitária, com pessoas que estavam em ocupações. Hoje nós temos muitas ocupações em São Paulo. E a gente pensa que o despejo está zero, mas não está não! Os despejos estão acontecendo e por isso a população de rua aumenta tanto. Porque há muitas pessoas inadimplentes, muitas pessoas que acabam ocupando, e muitas pessoas que são tiradas nas reintegrações de posse, e jogadas na rua literalmente, sem ter o que fazer.

Quem vem a São Paulo, e quando vocês vierem, vocês vão levar um susto, de ver que o centro de São Paulo parece um acampamento de guerra. E eu digo que São Paulo está virando Calé, Calé na França, que puseram fogo nos campos dos refugiados. A população em situação de rua são refugiados urbanos. Ninguém os quer, ninguém os quer ver, ninguém os quer por perto. Na pandemia quando a cidade toda fechou eles foram os únicos que eram vistos pelas ruas da cidade. Isso mobilizou solidariedade, mas mobilizou também muita hostilidade.

**Luciele Oliveira: Oi padre, tudo bem? Eu tenho estudado um pouco sobre pichação, que seria a resposta das pessoas que estão em situação de vulnerabilidade, para essa sociedade que as oprime. A cidade de São Paulo é uma das cidades mais pichadas da América Latina, e eu queria saber a sua posição sobre essa resposta das pessoas, com esse ataque da sociedade, essas pessoas que estão em situação de vulnerabilidade?**

**Padre Julio Lancellotti:** Os grafiteiros ou a grafiteagem é uma expressão urbana, e uma expressão urbana especialmente, como você lembrou, de populações que estão descartadas, e o que se vê, por exemplo, aqui em São Paulo é uma criminalização da grafiteagem. Vocês lembram que a Avenida Vinte e Três de Maio, teve um prefeito, que de certa forma incorporou todas as grafiteagens no espaço urbano, e chegou outro prefeito que mandou pintar tudo de cinza. Apagou tudo aquilo que estava ali grafitado, até com arte. É uma maneira de expressão, é uma maneira cultural de expressão. Sabe que eu visitei na Itália, há muito tempo atrás, mais de vinte anos, o Santuário de São Miguel Arcanjo, que fica no Monte Gargano, já na parte do mar Adriático na parte da Puglia, na Itália, para quem conhece um pouco da geografia da Itália. E sabe uma coisa que descobriram lá no Santuário de São Miguel? Está todo coberto com acrílico, que todos que passavam por lá deixavam grafitado o seu nome nas paredes e hoje os estudiosos de arqueologia estão encontrando nomes, inclusive de cavaleiros, de pessoas que iam para as cruzadas e que saíam por aquela região do sul da Itália, no mar Adriático, para chegar do Oriente. Então é uma expressão, é uma forma de expressão cultural que não pode ser criminalizada e que não pode ser desprezada, mas que tem que ser lida.

**Giulia Vianna: Oi padre, boa tarde. A gente andou conversando muito entre nós sobre todos esses temas nesse último mês, e uma coisa que eu queria até pedir a tua opinião, sobre essa movimentação que teve da prefeitura de Sorocaba, de querer impedir que o pessoal, os dependentes químicos, saíssem da Cracolândia e adentrassem a cidade de Sorocaba. Eu queria te pedir para**

**comentar sobre isso, porque para nós, eu acredito que envolve muito essa questão de planejamento urbano e planejamento regional. O que implica a gente erguer esses muros, sejam muros físicos ou muros virtuais, mas que segregam as cidades e o que a gente poderia refletir sobre isso? a No âmbito que às vezes não é só a arquitetura, mas é uma coisa maior que implica na cidade como um todo, uma entrada da cidade bloqueada.**

**Padre Julio Lancellotti:** Então essas cidades estão chamando de barreira sanitária. Puseram até um nome bonito. Barreira sanitária, dessa forma é uma criminalização do pobre, uma criminalização do dependente químico. Ao invés de acolher para cuidar e conviver, é mais para excluir, selecionar. Mas, o início da sua colocação, me fez lembrar uma coisa muito interessante. Nós tivemos aqui em São Paulo muitos mutirões. E tinha toda uma visão técnica dos mutirões. Então, eu lembro numa reunião com o povo que ia morar nas casas, os arquitetos explicando qual ia ser a inclinação da escada, quantos degraus tinha, para que aquela inclinação permita um espaço embaixo, que ia ampliar o espaço e tal. Aí perguntaram para uma senhorinha que estava lá na reunião, ouvindo tudo aquilo atenta, mas acho que com esforço imenso de entender o que eles estavam falando, e aí perguntaram para ela: “Como é que a senhora pensa? O que a senhora pensa de tudo isso? Como é que a senhora pensa da casa que a senhora vai morar?” Ela falou: “Ahh! Com uma samambaia bem grande do lado da porta e um azulejo com Nossa Senhora Aparecida”. Então, enquanto os arquitetos falavam de toda aquela explicação técnica de metragem, de altura de degrau, de inclinação da escada, do espaço embaixo, ela tava pensando numa samambaia bem grande do lado da porta e um azulejo com a Nossa Senhora Aparecida.

Eu acho que a arquitetura tem que dialogar com o povo e não dialogar só com o mercado e com as necessidades mercadológicas do mercado imobiliário, da especulação imobiliária. Mas dialogar com o povo. Sabe uma coisa que me chama muita atenção? Não sei como vocês veem a população em situação de rua e como essa população está aí em Pelotas ou em Porto Alegre. É interessante, vocês já viram, às vezes o arranjo que eles fazem do espaço muito semelhante a uma casa, como é que eles constroem naquele espaço. Outro dia eu vi uns aqui que tinham posto até um quadro na parede. Era um muro enorme da ferrovia. Mas eles puseram quadros, flores, plantas, a casinha para o cachorro e a barraca onde eles dormem. Então eu acredito que todo saber, deve ser um saber construído com o povo e deve ter uma dose do saber popular. De um saber popular que humanize a vida. Isso que eu acho que é importante. Não pensar a partir de conceitos pré-estabelecidos e conceitos muitas vezes técnicos e teóricos, mas a partir de vivências. Por isso, eu sempre ressalto: “eu não trabalho com a população em situação de rua, eu convivo com eles”. É preciso conviver para entender. Se você não convive, você não entende. Se você não convive, você não o ama. Se você não convive, você não defende.

**Giovanni Nachtigall Mauricio: Padre Júlio Lancellotti é uma satisfação estar aqui. Eu queria fazer uma colocação sobre a questão dos povos originários, os povos indígenas, que são sempre do coletivo. O quanto eles trazem de exemplo para a conduta da nossa sociedade ocidental, que é individualista? Eu vejo sempre incorporado nessa dimensão coletiva, penso que a arquitetura, é importante ela pensar no coletivo, a gente sempre pensa no individual, somos norteados pelo individual, e seguindo nisso eu queria dizer: Meu nome é Giovanni, eu sou professor da parte ambiental, aqui na Universidade e minha esposa é professora aqui na arquitetura. Eu sou filho de artistas, de pai comunista, já falecido. Minha mãe é artista, ativista, mandou um abraço para o senhor. Eu quero perguntar sobre a questão do afeto, que é o que acontece quando eu encontro uma pessoa de rua. Aqui, várias vezes, eu fui abordado por elas. Elas me pedem dinheiro, eu digo assim, a gente fala “tchê” no Rio Grande do Sul, “tchê eu não tenho dinheiro”,**

**mas eu tenho um abraço e eu dou um abraço e as pessoas me abraçam, e às vezes eu acabo dando dinheiro, fico com medo que eles vão comprar crack e tal, mas eu dou um abraço. Esses dias aqui na rua, eu tava com uma roupa bonita, de professor, indo para o trabalho e o cara: “Não, não, não, eu tô todo sujo!” Eu disse assim: “Cara, não me importa!” Abracei e apertei a mão, fiquei meia hora conversando com ele, e aí eu senti o retorno desse afeto, dessas pessoas. A minha pergunta é, como é que está a questão do afeto com seus moradores de rua em São Paulo?**

**Padre Julio Lancellotti:** Então eu sempre falo sobre isso, eu acho que é muito importante a tua colocação, nós temos que nos deixar afetar pelos outros. O afeto é quando você é afetado por alguém. Só que quando você é afetado por alguém, você tanto pode dar uma resposta afetuosa, como uma resposta agressiva. Eu digo que para conviver com a população em situação de rua, eu tenho uma senha e a senha a gente sempre diz que não é para contar para ninguém. Mas, essa eu conto para todos. E a senha é o olhar. A gente olhar para as pessoas, olhar nos olhos, olhar com afeto, olhar com delicadeza, com bondade. Eu percebo, que rapidamente eles respondem ao olhar. Em geral nós não olhamos para essas pessoas. E nessa questão da cultura indígena, acho muito interessante na cultura indígena, por exemplo, Tupi-Guarani que é muito próxima da realidade que vocês vivem. Os povos indígenas Tupi-Guarani eles não usam a expressão eu, eles não têm o pronome eu, não tem meu. Nada é meu e nada é apartir do eu. É tudo a partir do que eu faço parte dessa natureza, eu faço parte dessa vivência, onde as coisas não são minha propriedade, onde eu sou vida junto com toda a vida: a árvore, a fauna, a flora e tudo faz parte desse coletivo, que é a vida e a vida em toda a sua amplitude. Então, muitas vezes o afeto é muito seletivo e não é um afeto que as pessoas possam vivenciar. Quem diz para uma pessoa em situação de rua, você está bem? Onde você estava, que eu não te vi? Às vezes, eu falo para alguns, porque todos os dias pela manhã, passam no nosso café da manhã oitocentas pessoas em situação de rua, às vezes, eu digo para alguém: “Nossa você emagreceu, o que aconteceu? O que está acontecendo?” Quem é que percebe a vida deles? Quem é que percebe a alteridade? Quem é que percebe o subjetivo? Uma das características do neoliberalismo é a supressão da alteridade. E a supressão do subjetivo da alteridade, sobrando uma exacerbação da minha subjetividade negando a subjetividade do outro. As pessoas em situação de rua não são anjos, nem demônios, são pessoas. E pessoas que têm todos os sentimentos que todas as pessoas têm. Por isso, a gente tem que ter muita liberdade diante deles, de não negar aquilo que nós vivemos e percebemos, para que eles também não neguem aquilo que eles vivem e, percebam, que há um diálogo e uma interação. Eu agradeço muito esse tempo de ter ficado com vocês e de ter ouvido as questões que colocam.

Eu continuo achando esse auditório, de um povo muito comportado. Nunca tinha visto gente tão comportada como vocês, tão quietinhos. Façam bagunça de vez em quando que é bom!

**Adriana Portella:** Muito obrigado pelo seu tempo, eu acho que foi uma das melhores aulas de Arquitetura e Urbanismo que nós já tivemos, inclusive nós professores, alunos, pesquisadores, bolsistas. Eu acho que é muito importante a gente ter esse olhar humano na arquitetura. Nós falamos muito em sala de aula, que não adianta fazer projeto dentro de escritórios com ar-condicionado, porque a gente está lidando com pessoas, e que muitas vezes, a gente não deve levar em conta todas essas normas técnicas que a gente lê, porque muitas vezes as pessoas sabem muito mais. Com certeza sabem muito mais de cidade e de arquitetura do que essas normas nos informam.

Então eu penso que a sua fala foi essencial, adorei o termo/expressão Arquitetura de Resistência, vou começar usar nas minhas aulas de teoria, isso é fundamental que a gente passe para os alunos desde o primeiro semestre. Para que todo mundo saiba que a cidade não é somente para quem tem dinheiro para pagar, mas, principalmente, para quem está numa situação de vulnerabilidade e o senhor vem com essa palavra. Eu adorei também os espaços de comunhão. Hoje a gente vê casas, com lugares cada vez mais individuais e a pandemia nos fez ficar muito individuais. Então, a gente tem que voltar para os lugares de comunhão, de encontro, de troca de ideias e sempre troca de ideias com diferentes, porque tu ficar só conversando com pessoas iguais não nos leva a lugar nenhum. Então, por isso que eu sempre digo, a gente tem que voltar a se encontrar, tem que vir para a faculdade, tem que ir para a rua e fazer projeto de tênis, de chinelo, de pé descalço, caminhando nos bairros e se comunicando com as pessoas. Muito, muito obrigado. Agradeço imensamente, desejo todo o carinho, todo amor e suporte, se o senhor algum dia precisar de qualquer coisa da nossa Universidade, nós vamos estar lhe apoiando, em qualquer política pública, qualquer ação, São Paulo, Rio Grande do Sul, Brasil, muito obrigado!

**Padre Julio Lancellotti:** Tudo de bom. Força. Força e coragem para todos. Deus abençoe.